

A urgência de falar do futuro é tão grande como a incerteza que sobre ele paira. Resta-nos, no entanto, a maior das forças de que podemos dispor: a noção de que a vida se representa no próprio ato de viver, em cada tempo e em cada instante, fazendo-o com as mãos, com espírito e com o que sabemos. Por isso a urgência de falar do futuro é, afinal, a de organizarmos a vida agora. Com o que sabemos e com o que temos.

José Reis

em *Cuidar de Portugal: Hipóteses de Economia Política em tempos convulsos* (2020)

The urgency of discussing the future is as great as the uncertainty that hangs over it. However, we are left with our greatest strength: the notion that life is the very act of living, in each time and moment, hands-on and as we go, with spirit and purpose. The urgency of debating the future is, after all, the daughter of the need to organise the present. With what we know and have.

José Reis

in *Cuidar de Portugal: Hipóteses de Economia Política em tempos convulsos* (2020)

Programação

Conversa e visita guiada com os arquitetos e os artistas representados

13/01/2024, 16h00

Visita orientada à exposição

Jorge Cabrera

02/02/2024, 16h00

Agendar Visita

O CAPC oferece um programa educativo de formação/fruição em arte contemporânea, específico para cada exposição. Este trabalho de formação de públicos utiliza a mediação como metodologia educativa para a construção de conhecimentos de forma colaborativa.

Os agendamentos são feitos através do seguinte formulário: <https://forms.gle/zBs6JFj7BK87E6ak7>



Exposição Exhibition
Todos os tempos se cruzarão
António Belém Lima
Anozero – Bienal de Coimbra
Bartolomeu Costa Cabral
Colectivo Zás
Maria Manuel Oliveira
Nuno Valentim
Pedro Maurício Borges
Pedro Matos Gameiro
e Pedro Domingos
Walk&Talk

Sala da Cidade
29/12/2023-02/03/2024
ter-sáb, 13:00-18:00h

Organização Organization
Anozero – Bienal de Coimbra
Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC)
Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (dARQ)
Centro de Estudos Sociais (CES)
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC)

Curadoria Curators
Atelier do Corvo (Carlos Antunes e/and Désirée Pedro)

Produção Production
Daniel Madeira (coordenação/coordination)
Diana Santos

Assistência à produção Production assistance
Ivone Antunes

Montagem Installation
Jorge das Neves (coordenação/coordination)
Marco Graça

André Martins (Atelier do Corvo)
José Costa
Francisco Albuquerque (Atelier do Corvo)
Manuel Santana

Carpintaria Carpentry
Júlio Pinto
Anthony Alexandre
João Reis

Captação de vídeo Video capture
Sérgio Gomes
Maria Bicker

Fotografia Photography
Jorge das Neves

Texto Text

Atelier do Corvo

Revisão Proofreading

Carina Correia

Tradução Translation

José Roseira

Design gráfico Graphic design
Alexandra Oliveira

Programa educativo Educational program

Jorge Cabrera

Agradecimentos Acknowledgments
Universidade Beira Interior
Câmara Municipal Peso da Régua
Câmara Municipal Grândola
Biblioteca Municipal de Grândola
Mercado do Bolhão
Freguesia Ferreira Nova
Maria Bicker

Apoio Support
Logowords

—
Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

Direção Direction
Carlos Antunes
Désirée Pedro
Valdemar Santos
António Melo
Ana Felino

Assembleia-Geral General Assembly
Ivone Antunes
Manuela Azevedo

Conselho Fiscal Treasury
João Bicker
Luisa Lopes
Joana Monteiro

Conselho Artístico Artistic Board
António Olaio
Pedro Pousada

Direção Financeira Financial Management
Abilis

Coordenação administrativa e financeira Administrative and financial coordination
Lisiane Mutti

Círculo Sede
Rua Castro Matoso, n.º 18,
3000-104 Coimbra
Horário: ter-sáb, 14 h-18 h
Schedule: Tue-Sat, 2-6 pm

Círculo Sereia
Casa Municipal da Cultura,
piso -1
Parque de Santa Cruz,
Jardim da Sereia,
3000-401 Coimbra
Horário: ter-sáb, 14 h-18 h
Schedule: Tue-Sat, 2-6 pm

MUSEU
Casa Av. João das Regras, 28
Praça Cortes de Coimbra
Horário: 24 horas, todos os dias
Schedule: 24 hours, every day

Contactos Contacts
+351 910 787 255
geral@capc.com.pt
capc.com.pt
ter-sáb, 14 h-18 h
Tue-Sat, 2-6 pm

Todos os tempos se cruzarão

Sala da Cidade

29 dez'23 a 02 mar'24

António Belém Lima

Anozero – Bienal de Coimbra

Bartolomeu Costa Cabral

Colectivo Zás

Maria Manuel Oliveira

Nuno Valentim

Pedro Maurício Borges

Pedro Matos Gameiro

e Pedro Domingos

Walk&Talk

CUIDAR DE UM PAÍS

ORGANIZAÇÃO



Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA

1 2 9 0

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1 2 9 0

DARQ

1 2 9 0

ces

Centro de Estudos Sociais

Universidade de Coimbra

1 2 9 0

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

APOIOS INSTITUCIONAIS



dgARTES



rpac



REPÚBLICA PORTUGUESA



FUNDACÃO DOS ARQUITECTOS



FUNDACÃO MARQUES DA SILVA



IAScT



ISCTE

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

1 2 9 0

GRÂNDOLA MUNICÍPIO

[...] Somos interlocutores do eterno, pensei eu. Todos os tempos se cruzarão neste lugar como a fúria da ignea lava descendo a encosta e revolvendo tempos em outro lugar. Toda a terra terá o rosto da mesma terra e a cor do mesmo movimento. No passado vive o presente e o futuro, e os carros a tracção animal cruzam-se sem cessar, nos limites deste mundo, com os 4 por 4. Luís Quintais em *Angst. Breve História do Tempo* (2002)

As notícias dos últimos três censos são esclarecedoras: o país esvazia-se na razão direta da hiperconcentração da população num lugar, com prejuízo para o país e empobrecimento desse mesmo lugar. É necessário pensar o país na sua totalidade territorial como um sistema orgânico equitativo e globalmente equilibrado, com cidades reforçadas que referenciem um território por agora deslaçado.

Cuidar de um país é um ciclo de exposições acerca do território, arquitetura e arte coorganizado pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Este ciclo de exposições tem como momento fundador a proposta do Atelier do Corvo para a representação de Portugal na 18.ª mostra internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza, *Todos os tempos se cruzarão - Cuidar de um país*, cuja equipa proponente já envolvia muitos elementos das instituições agora organizadoras.

Pela urgência do tema, e por ele ser parte integrante da investigação e reflexões de todas estas instituições, considerou-se expandir a proposta para um ciclo anual de exposições, para as quais serão convidadas equipas curatoriais distintas.

A exposição que inicia o ciclo retoma essa proposta inicial para Veneza e reconfigura-se, mantendo parcialmente a designação inicial, *Todos os tempos se cruzarão*. Propõe-se demonstrar, através de oito propostas heterogéneas, como neste contexto adverso a arquitetura e a arte têm sabido encontrar estratégias capazes de estruturar o território, o recriar, reavivar o seu tecido mais profundo, retomar as suas possibilidades esquecidas, consolidando-o. São propostas que intervêm contra a corrente e numa escala de proximidade, reforçando a identidade dos lugares e a sua capacidade para estruturarem o nosso tempo. Munidas de todos os saberes, elas podem ser o gatilho que conduza à inversão deste paradigma unidirecional e permita alterar o ciclo de esvaziamento e empobrecimento, reclamando urbanidade, propondo mais ética e mais estética.

Todos os tempos se cruzarão evidencia o nosso propósito: pensar no tempo — presente, passado e futuro — como um *continuum*, porque afinal «não há futuro senão o futuro do presente». Toda a arquitetura é reificação de um tempo, testemunho de uma ação que torna visível a substância de que se faz o tempo.

Os autores e obras selecionadas para esta exposição demonstram como a arquitetura e a arte contemporânea têm procurado reforçar a urbanidade dos territórios, recorrendo a estratégias de cuidado, numa escala de proximidade. Demonstram como só a cultura de qualidade permite reforçar a presença das práticas artísticas num país que tem de ser entendido na sua totalidade.

Trabalhando a partir do interior, defendendo um território mais equilibrado que garanta condições de

permanência aos seus cidadãos, procurámos obras onde fosse claro o nosso enunciado. É uma escolha que não se esgota nestas obras nem nestes autores.

Estabelecemos como regra a eleição de obras públicas como agentes transformadores do espaço e do tecido social envolvente. Por isso, não procurámos a novidade, mas, sim, a resiliência e o embate com o tempo. O futuro não é uma rutura com a linha temporal e não o concebemos sem passado.

Bartolomeu Costa Cabral pareceu-nos a escolha evidente para dar início ao projeto curatorial, que assenta na ideia base de que o futuro se constrói na permanente revisão crítica do passado. E Zás, *Bartolomeu Costa Cabral* poderia ser a designação desta exposição da representação portuguesa da bienal de Veneza, porque ela cumpre o arco temporal que aqui nos importa apresentar e que começa em Bartolomeu Costa Cabral, num passado que quer ser futuro porque é continuidade — à data da redação deste texto, Costa Cabral tem 95 anos e continua a pensar e a produzir diariamente. É este futuro que não deixa de querer ser passado que o coletivo Zás representa, constituído por estudantes e arquitetos recém-licenciados do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, ao ocupar-se de gestos tão simples como o ato de sentar.

Bartolomeu Costa Cabral é deliberadamente a exceção a outra regra que nos impusemos — uma obra por autor —, porque a par de um equipamento transformador de um lugar como é a Biblioteca Central da Universidade da Beira Interior, na Covilhã, pareceu-nos essencial mostrar a sua capacidade de se renovar, como o demonstra a Casa em Taipa, em Beja. Trata-se de uma obra privada, não pública como todas as outras, mas tem a particularidade de ser a casa de dois artistas, Rui Sanches e Teresa Pavão, que nela vivem e trabalham.

Entre os extremos deste arco temporal, convocamos o trabalho singular de António Belém Lima, que, a partir de Vila Real, «quer amar os territórios, e ao mesmo tempo desprender-se deles». No seu ABA, Associação Bairro Alagoas, Peso da Régua, propõe o convívio entre as distintas comunidades do bairro, promove a sua integração, dissolve as barreiras que existem nas diferenças.

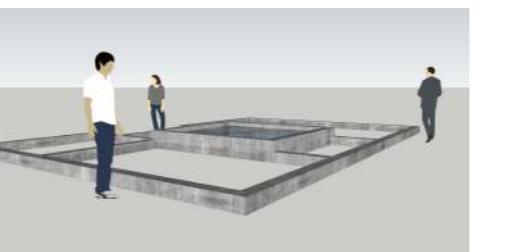
A transformação urbana operada por Maria Manuel Oliveira no Largo do Toural, Guimarães, onde os paradigmas de intervenção no espaço público — «uso quotidiano versus sazonal; reinterpretação do património versus musealização; memória em construção versus tradição» — nortearam o projeto, em colaboração com a artista Ana Jotta, reclama para aquele território uma urbanidade entretanto perdida.

Pedro Maurício Borges com a sua pequena Capela de Netos, numa aldeia da Figueira da Foz que não tem, como refere o seu autor, nenhuma particularidade distinta, a não ser a profana visibilidade da estrada. Sentido da sua implantação é dado pela extrema proximidade a quem passa de carro e com essa premissa está criada a surpresa espacial e o enquadramento urbano.

Pedro Maurício Borges com a sua pequena Capela de Netos, numa aldeia da Figueira da Foz que não tem, como refere o seu autor, nenhuma particularidade distinta, a não ser a profana visibilidade da estrada. Sentido da sua implantação é dado pela extrema proximidade a quem passa de carro e com essa premissa está criada a surpresa espacial e o enquadramento urbano.

E, por fim, a recuperação exemplar do Mercado do Bolhão, Porto, de Nuno Valentim, numa ação transformadora e atenta aos valores existentes, procurando devolver identidade e coerência ao edifício, ao abrir o mercado à cidade e atualizar a sua função — numa permanente ponderação entre património material e imaterial, que acreditamos ditará um novo paradigma nos modelos de intervenção no património.

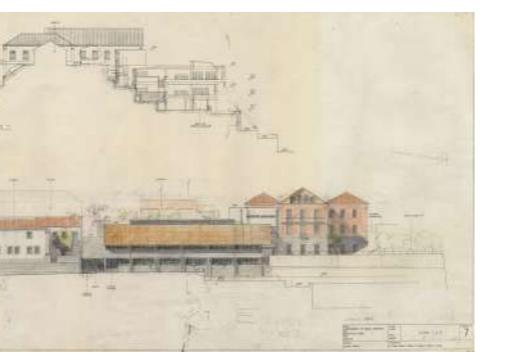
De referir que o Anozero e o Walk&Talk com a sua programação e através da ação dos artistas apresentam, também eles, estratégias conducentes ao reforço da urbanidade dos territórios onde intervêm.



1. House for Ferraria, 2017
Teresa Braula Reis, Walk&Talk



2. MUSEU, 2015
anozero'15 um lance de dados
Francisco Tropa



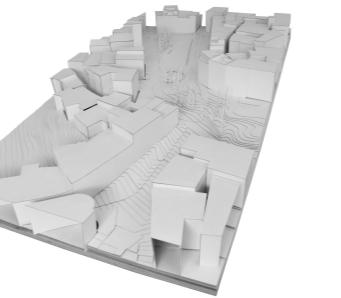
3. Biblioteca Central da UBI, 2001
Bartolomeu Costa Cabral



4. Mercado do Bolhão, Porto, 2022
Nuno Valentim



5. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola, 2021
Pedro Matos Gameiro e Pedro Domingos



6. Largo do Toural, 2012
Maria Manuel Oliveira



7. Casa em Taipa, Beja, 2003-2008
Bartolomeu Costa Cabral



8. Vista do Largo da Capela, Nelos, 2008
Pedro Maurício Borges
© Fernando Guerra



9. Intervenções urbanas pontuais, 2022
Colectivo Zás



10. Associação Bairro Alagoas, 2008
António Belém Lima

[...] We converse with the eternal, I thought. All times will intersect

in this place with the fury of igneous lava flowing down the slope and revolving times in another place. All earth will have

the face of the same earth and the colour of the same movement. In the past lives the present and the future, and animal-drawn carts continuously cross paths, in the edges of this world, with four-wheel drive cars.

Luis Quintais
in *Angst. Breve História do Tempo* (2002)

The last three censuses revealed that the countryside is being drained and impoverished as its population coalesces into hyper-concentrated urban centres. It is necessary to think of the country in its entirety, including all territories in an equitable and globally balanced organic system, including strong cities that refer to a territory that is now fractured.

Caring for a Country is a cycle of exhibitions about territory, architecture and art co-organised by the Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, the Department of Architecture, the Centre for Social Studies, and the Faculty of Economics of the Universidade de Coimbra.

The first moment of this exhibition cycle follows the guidelines of Atelier do Corvo's proposal for the Portuguese representation at the 18th International Architecture Exhibition of the Venice Biennale, *All Times Will Intersect - Caring for a Country*, a project whose team included persons active in the institutions that now organise this event.

Given the urgency of the theme and the fact that it is an integral part of the research and reflections of all these institutions, it was decided to expand the proposal to an annual cycle of exhibitions for which different curatorial teams will be invited.

The first exhibition in this cycle takes up the initial proposal for Venice and reconfigures it, partially maintaining the initial name, *All Times Will Intersect*. Through eight heterogeneous proposals, it sets out to demonstrate how, in this adverse context, architecture and art have been able to find strategies capable of structuring the territory, recreating it, reviving its innermost structures, consolidating it and recovering its forgotten possibilities. These proposals work against the current and on a scale of proximity, reinforcing the identity of places and their ability to structure our time. Armed with all the knowledge, they can be a trigger that contributes to an inversion of this unidirectional paradigm, making it possible to change this cycle of emptying and impoverishment, reclaiming urbanity and proposing more ethics and more aesthetics.

All Times Will Intersect makes our purpose clear: to think of time — present, past and future — as a continuum because, after all, “there is no future but the future of the present”. All architecture is the reification of a time, the testimony of an action that makes the substance of which time is made visible.

The authors and works selected for this exhibition demonstrate how architecture and contemporary art have sought to reinforce the urbanity of territories, using strategies of care on a proximity scale. They demonstrate how only quality culture can strengthen the presence of artistic practices in a country that needs to be understood as a whole.

Working from the hinterland, in defence of a more balanced territory that guarantees the best living conditions to all its citizens, we looked for works where our statement was clear. It's a choice that doesn't end with these works or authors.

As a rule, we chose public works as agents that transform the space and the surrounding social fabric. That's why we didn't look for novelty but rather for resilience and a clash with time. The future is not a break with the timeline; we don't conceive of it without a past.

Bartolomeu Costa Cabral seemed the obvious choice to start this curatorial project, which is based on the idea that the future is built on a permanent critical review of the past. Zás, *Bartolomeu Costa Cabral* could be the name of this exhibition at the Portuguese representation of the Venice Biennale because it fulfills the temporal arc that we want to present here and which begins with Bartolomeu Costa Cabral, in a past that wants to be a future because it is continuity — at the time of writing, Costa Cabral is ninety-five years old and continues to think and produce daily. And it is this future that still wants to be the past that the Zás collective represents, made up of students and recently graduated architects from the Department of Architecture at the University of Coimbra, by dealing with gestures as simple as the act of sitting.

Bartolomeu Costa Cabral is deliberately the exception to another rule we imposed on ourselves — one work per author — because, as well as a piece of equipment that transforms a place like the Central Library of the University of Beira Interior in Covilhã, we felt it was essential to show its capacity for renewal, as demonstrated by the Taipa House in Beja. This is a private work, not public like all the others, but it has the particularity of being the home of two artists, Rui Sanches and Teresa Pavão, who live and work there.

Between the extremes of this time frame, we'd like to mention the unique work of António Belém Lima, who, from Vila Real, “wants to love the territories and at the same time detach himself from them”. In his ABA, Associação Bairro Alagoas (Alagoas Neighbourhood Association), in Peso da Régua, he proposes coexistence between the different communities in the neighbourhood, promotes their integration and dissolves the barriers that exist in the differences.

The urban transformation carried out by Maria Manuel Oliveira in Largo do Toural, Guimarães, where the paradigms of intervention in the public space — “daily use versus seasonal; reinterpretation of heritage versus musealisation; memory in the making versus tradition” — guided the project, in collaboration with artist Ana Jotta, claims for that territory an urbanity that has since been lost.

Pedro Maurício Borges with his small Capela de Netos (Chapel of Grandchildren) in a village in Figueira da Foz, which, as the author says, has no distinctive features apart from the unholy visibility of the road. Its location is dictated by its extreme proximity to the road, and with this premise the spatial surprise and urban setting are created.

The Grândola Municipal Library and Archive, by Pedro Matos Gameiro and Pedro Domingos, forms part of the square and — due to its scale and programme — is a reference element set against the urban continuum.

Finally, the exemplary restoration of the Mercado do Bolhão in Porto by Nuno Valentim, in a transformative action that is attentive to existing values, seeks to restore identity and coherence to the building by opening up the market to the city and updating its function — in a permanent weighing up of material and immaterial heritage, which we believe will dictate a new paradigm in heritage intervention models.

It should be noted that Anozero and Walk and Talk, with their programmes and through the artists' work, also present strategies to strengthen the urbanity of the territories in which they operate.